



O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO AÇÃO SOCIAL E INTERATIVA

Cleide Inês Wittke (UFPEL)

Resumo: Muitas pesquisas nacionais e internacionais sobre a formação de professores mostram a necessidade de repensarmos os currículos das licenciaturas, especialmente os dos cursos de Letras, nossa área de atuação. Essa postura implica mudanças nas definições do objeto de ensino e também nas metodologias a serem adotadas (SCHNEUWLY, DOLZ, 2010). Nessas condições, a presente comunicação tem como objetivo refletir sobre a questão, na tentativa de apontar caminhos que viabilizem um exercício docente diário reflexivo e de caráter social, configurando o ensino como um processo comunicativo, dialógico, conforme preconiza Bakhtin (1992). Assim como muitos estudiosos seguidores da abordagem bakhtiniana, os quais definem a língua como um processo de interação verbal, também elegemos o texto/gênero textual como objeto de ensino e vemos a aula de português como uma prática de comunicação (MARCUSCHI, 2008, 2010). Um dos caminhos promissores para trabalhar a língua, objetivando desenvolver a capacidade leitora e de produção oral e escrita do aluno, é a realização de projetos de pesquisa, de ensino e de extensão, pois essas práticas didáticas interligam o meio acadêmico com a realidade escolar. Essas atividades abrem espaços e estabelecem diálogos entre professores formadores, licenciandos e professores do ensino básico (GERALDI, 2006, 2011). Para sustentar e exemplificar nossa proposta de trabalho, apresentamos uma atividade voltada ao ensino do gênero oral entrevista, realizada com uma turma do ensino fundamental em uma escola pública, no sul do Brasil. Cabe dizer que essa proposta metodológica faz parte dos estudos do projeto de pesquisa cadastrado na Universidade Federal de Pelotas e intitulado *Estudos da linguagem e da língua sob uma perspectiva da interação verbal*, que é integrado por pesquisadores e bolsistas de licenciaturas, de pós-graduação e por professores universitários.

Palavras-chave: Ensino. Língua. Objeto de estudo. Interação Verbal.



OS GÊNEROS E AS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS: ANÁLISE DAS APRENDIZAGENS DA LÍNGUA PORTUGUESA POR ALUNOS DE ENSINO FUNDAMENTAL

Ida Maria Marins (UNIPAMPA)

Resumo: Com interesse em pesquisar a pertinência e a eficácia do trabalho com os gêneros mediante a metodologia de sequências didáticas (SDs) apresentadas por Schneuwly e Dolz (2007), foi proposto, nos anos de 2016, 2017 e 2018, o projeto de extensão *(Re)significando o ensino da língua portuguesa na escola: os gêneros e a dinâmica das sequências didáticas*. O objetivo desse projeto foi desenvolver práticas de intervenção pedagógica em escolas da educação básica, valendo-se de atividades com os gêneros e o uso da metodologia de SDs com vistas a discutir sobre ensino/aprendizagem da língua portuguesa. As ações do projeto foram desenvolvidas através de subprojetos, os quais elencaram temas e gêneros específicos para serem trabalhados ao longo de um bimestre escolar. O presente trabalho visa a apresentar a proposta realizada em uma escola pública municipal da cidade de Jaguarão/RS com o subprojeto *CRONICAR: lidando com o gênero em sala de aula*, desenvolvida por uma estudante do curso de Letras, com orientação da coordenadora do projeto. Além de apresentar a proposta enunciativa levada a cabo, os módulos realizados, as metodologias de intervenção para a análise e a refacção de aspectos discursivos e linguísticos e a produção final, que materializa o processo como um todo, trazemos alguns resultados referentes às aprendizagens dos alunos. Esses resultados indicam que o trabalho com os gêneros, através de uma metodologia bem planejada e com intervenções do professor durante o processo, contribui sobremaneira para desenvolver a proficiência na produção escrita e a capacidade do aluno em refletir sobre os usos da língua, intervindo sobre ela de modo a qualificar a sua competência linguístico-discursiva.

Palavras-chave: Gêneros. Sequência didática. Ensino da língua portuguesa. Aprendizagens.



O TRABALHO COM A ENTREVISTA COMO FERRAMENTA DE ENSINO DE ORALIDADE E DE ESCRITA EM SALA DE AULA

Julia Buchorn Fagundes (UFPEL)
Shaiane Mathias Dos Passos (UFPEL)
Cleide Inês Wittke (UFPEL)

Resumo: As atividades de oralidade, leitura e escrita são essenciais ao ensino de língua (português) e precisam fazer parte do planejamento dessas aulas, principalmente no ensino básico, visto que propiciam o conhecimento e o domínio da língua como uma prática social (KOCH, ELIAS, 2010), facilitando a interação com o outro. Nessas condições, vemos como boa alternativa as pesquisas que investigam e buscam gerar trabalhos motivadores, interessantes e que incentivam a prática consciente da leitura, da escuta e da produção oral e escrita, como já orientam os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), há mais de 20 anos. Defendemos que o trabalho com a língua materna, por meio de textos/gêneros textuais (MARCUSCHI, 2008), tende a tornar o exercício de leitura, escrita e produção oral mais significativo, pois possibilita melhor contextualização dos conteúdos trabalhados. O objetivo desta comunicação é apresentar resultados obtidos com a realização de uma oficina com foco na entrevista, abordando questões orais e escritas próprias desse gênero textual. A experiência foi desenvolvida com alunos do ensino fundamental, em uma escola municipal de Pelotas, RS. Com uma perspectiva interacionista sociodiscursiva da linguagem (BRONCKART, 2012), a pesquisa foi fundamentada no modelo didático de gênero (MDG) desenvolvido por Schneuwly e Dolz (2010). Com base no referido modelo, foi feita uma contextualização da entrevista, uma produção inicial que serviu de diagnóstico à elaboração dos demais módulos da SD para trabalhar esse gênero, considerando tanto aspectos da oralidade quanto da escrita (MARCUSCHI, 2010). Os resultados dessa proposta não foram ideais, mas apontam caminhos para qualificar o ensino de língua materna.

Palavras-chave: Ensino de língua. Modelo didático de gênero. Entrevista. Sequência didática.



VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO: POR UMA PEDAGOGIA DE RESPEITO AO FALAR DO ALUNO NAS SÉRIES INICIAIS

Juliana Aparecida Bohn
Rosemari Lorenz Martins

Resumo: Em nossa sociedade ainda persiste o mito do falar certo e ele cruza a porta de salas de aula como uma das concepções de muitos professores das séries iniciais, o que pode gerar desrespeito e preconceito à forma de falar dos estudantes. Muitas vezes, por desconhecer as diferentes possibilidades de trabalhos na área da oralidade, atividades que poderiam ampliar a capacidade comunicativa dos alunos não são realizadas. Essa questão é o tema central desta pesquisa e, para discuti-la, buscamos embasamento teórico em autores como William Labov, Marcos Bagno, Sérgio Faraco, Ana Zilles e Estela Maris Bortoni-Ricardo, os quais refletem sobre conceitos como variação linguística e competência comunicativa. Foi realizado um levantamento de dados, através de um questionário realizado com professores das séries iniciais de escolas do município de Novo Hamburgo. Buscamos investigar o conhecimento desses profissionais quanto à temática relacionada à variação linguística e seu efeito no ensino, para elaborar uma proposta de formação docente a partir de estratégias pedagógicas que possam desenvolver a capacidade comunicativa dos estudantes dessa etapa de ensino. As atividades baseiam-se no trabalho com a oralidade em sala de aula, mais especificamente com os gêneros orais, através de sequências didáticas, com base nos estudos de Joaquim Dolz e Bernard Schneuwly.

Palavras-chave: Competência comunicativa. Formação de professores. Oralidade.



A IMPORTÂNCIA DE CURSOS DE CAPACITAÇÃO EM LIBRAS NA UNIVERSIDADE PÚBLICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Juliane Alves Ribeiro de Moura (UFPel)

Resumo: O presente trabalho objetiva problematizar a oferta de cursos de capacitação em Libras a servidores, no âmbito da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), caracterizando-se como um estudo de caso, baseado nos conceitos de acessibilidade descritos por Dias (2013), Soares e Pereira (2015), Viana e Irigaray (2016). Conseguir comunicar-se com o servidor, satisfatoriamente, produz uma relação construtiva entre aquele que é atendido e aquele que atende, tornando os serviços prestados acessíveis a todos. No intuito de possibilitar o acesso às informações e às condições de atendimento adequado aos serviços prestados, a UFPel, em 2009, através do projeto do curso de Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi uma das 11 instituições selecionadas, dentre 114 trabalhos, para ser incluído na Política Nacional de Desenvolvimento de Pessoal (PNPD), resultando no recebimento de recurso específico para as capacitações. Desde então, periodicamente, são ofertados cursos de Libras aos servidores: técnicos e docentes. Atualmente, na Coordenação de Desenvolvimento de Pessoal/PROGEP/UFPel, são realizados atendimentos aos professores surdos, em língua de sinais. A comunicação que anteriormente dependia da escrita, ou de um intérprete de libras, hoje está sendo desenvolvida naturalmente na língua materna dos surdos. Entretanto, ainda é frequente o uso da datilografia, pois, como qualquer língua, essa também requer contato e continuidade para seu desenvolvimento. Considerando a experiência de 10 anos de oferta de cursos de Libras na Instituição, questiona-se sobre a falta de continuidade de estudos e contato com essa língua, por parte dos servidores de outras unidades da UFPel, resultando no fato de não conseguirem efetuar o atendimento em Libras. Assim, percebe-se a necessidade de serem instituídos novos recursos tais como: rodas de conversa, participação em grupos de estudo, oficinas, entre outros, para que seja promovida a acessibilidade de modo sistemático e funcional, através do conhecimento da língua de sinais, bem como da cultura surda.

Palavras-chave: Libras. Capacitação. Instituição pública. Atendimento. Inclusão.



ENSINO DE LÍNGUA A PARTIR DE UMA ABORDAGEM SOCIAL E COMUNICATIVA

Shaiane Mathias Dos Passos (UFPEL)
Julia Buchorn Fagundes (UFPEL)
Cleide Inês Wittke (UFPEL)

Resumo: Este trabalho é resultado de uma atividade realizada por nosso projeto de pesquisa, registrado na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), cujo foco é trabalhar a língua no ensino básico a partir do texto, melhor dizendo, do gênero textual (SCHNEUWLY, DOLZ, 2010; MARCUSCHI, 2010). Adotando o modelo didático de gênero criado pelos autores da Escola de Genebra, projetamos uma sequência didática (SD) para ensinar a entrevista em uma turma do sétimo ano do ensino fundamental, em uma escola estadual de Pelotas/RS. Cabe dizer que a SD consiste em um conjunto de atividades planejadas e organizadas de modo sistemático para ensinar um gênero de texto, seja ele oral ou escrito (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2010). Seguindo os passos da Escola de Genebra, principalmente na Suíça romanda, também em todo o Brasil e em Portugal, vemos muitos pesquisadores e professores estudando e adaptando diferentes SDs para abordar os gêneros textuais nas aulas de línguas, tanto na materna quanto nas estrangeiras (MACHADO, LOUSADA, 2010; GUIMARÃES, CARNIN, KERSCH, 2015; MORETTO, WITTKE, 2017; ABREU-TARDELLI, APOSTOLO, 2018; WITTKE, FAGUNDES, 2018). O principal objetivo da nossa proposta foi o de criar oportunidades para o aluno conhecer, ou melhor, reconhecer a importância e ter domínio no uso das operações de linguagem fundamentais na entrevista, enfatizando aspectos orais e escritos desse gênero (HOFFNAGEL, 2010). Nesta comunicação, objetivamos refletir sobre os resultados obtidos com a atividade realizada, socializando tanto os aspectos positivos quanto os negativos dessa experiência de ensino. A análise dos resultados mostrou que o trabalho por meio do gênero textual motivou o aluno a escrever e também a refletir sobre os aspectos orais e escritos necessários para o domínio social da entrevista, buscando sanar as dificuldades encontradas nessa prática verbal (DOLZ, GAGNON, DECÂNDIO, 2010).

Palavras-chave: Ensino. Gênero oral. Entrevista. Interação.